



VII ANNO

PORTO, 15 DE FEEREIRO DE 1884

NUM. 21



CARLOS RELVAS

Carlos Relvas

O *Bombeiro Portuguez* dando á estampa o retrato de Carlos Relvas, nem visa a lisongear o homem nem tampouco aspira a dar a medida justa do seu quilate moral.

Não se aproxima da palavra o vulto grandioso do benemerito e seria amesquinhar-lhe a individualidade o tentar sequer desenhar-lh'a nas rapidas linhas de que pôde dispôr um jornal da indole do nosso.

Carlos Relvas é muito conhecido entre nós e lá fóra, não só como artista amador *hors ligne*, mas pelas multiplas manifestações do seu character moral que tanto se revella em actos de coragem, como nas mais bellas manifestações da arte, quer ella se chame photographia, quer se apellide toureiro, quer seja o mestre do verdadeiro sportman.

A ultima prova da sua aptidão deu-a elle na construcção d'esse barco salva-vidas que offereceu á *Real Sociedade Humanitaria do Porto* para ser posto á disposição da *Associação dos Bombeiros Voluntarios*.

Na geração actual tantas vezes calumniada pelos pessimistas, distinguem-se organizações privilegiadas que fazem lembrar os heroes da epopeia da nossa historia patria.

Entre ellas, entre essa pleiade de *elite*, entre os mais notaveis vultos da nossa actualidade sobresahe Carlos Relvas não só pela elegancia com que se apresenta sempre, não só pelo sangue frio com que sabe encarar os perigos, não só pela coragem com que sabe vencer os sempre, mas sobre tudo porque o seu talento, a sua coragem e a sua abnegação e a fortuna de que dispõe estão sempre ao serviço da humanidade.

A redacção do *Bombeiro Portuguez*, junta a nota da sua gratidão ao hymno da congratulação publica que saúda em Carlos Relvas um cidadão exemplar e benemerito.

Bombeiros pelos ares

Todo o bombeiro é forçado, pela sua posição, a guindar-se a maiores ou menores alturas, com mais ou menos risco de vida, e esses commettimentos não podem deixar de merecer a admiração de todos.

Ha no entanto n'esse risco permanente da vida uma utilidade perfeitamente recompensada com a satisfação do bem practicado, quer seja no salvamento da propriedade, quer na vida de um semelhante.

Esta especie de coragem, que tem toda a razão de ser, é admirada e respeitada por todos; mas que diremos nós ante a coragem d'aquelle que, sem necessidade alguma, se vae expor a um perigo onde todas as probabilidades são a favor de uma grande desgraça, e que assim procede em pleno uzo das suas faculdades, sem remuneração alguma, além da satisfação da sua vaidade, e depois de ter ponderado e contrabalançado todas as peripecias desastrosas de que poderia ser victima?!

Referimo-nos á corajosa ascensão realisada no

domingo 3 do corrente, no Palacio de Crystal, pelo arrojado bombeiro voluntario do Porto, Luiz da Terra Pereira Vianna — ascensão realisada em um balão a gaz, tendo unicamente por base uma simples taboa suspensa por meio de cordas.

Conheciamos de perto o arrojado d'este rapaz, arrojado sempre temerario e descomedido, chegando ás vezes a attingir as raias da loucura, e estavamos convencidos que, desde o momento em que declarára que subiria no balão, fosse qual fosse o tempo ou os perigos que teria de arrostar, que nada haveria que o fizesse desistir de tal intento, mas o que nunca supozemos foi que tivesse tanto sangue frio e desprendimento pela vida, como claramente o demonstrou diante de milhares de pessoas, que o saudavam, trandizadas de susto e de admiração.

Terra Vianna subiu para a pequena prancha, que lhe ia servir de pedestal de gloria, cu talvez de tumulo, com a mesma *sans façon* e socego como qualquer faria para um trem de recreio — com um sorriso nos labios, de chapu na mão, saudando a multidão, até se perder de vista.

O vento era forte, e dentro em poucos minutos pairava o balão sobre o mar, a dez milhas da barra e mil e duzentos metros d'altura!

A anciedade em todos os corações era grande, todos receiavam uma grande desgraça, porque o vapor que sahira a barra em soccorro, não podia vencer a velocidade que o balão levava, impellido por uma aragem forte. Já aquelle havia mergulhado quatro vezes no oceano e o vapor ainda se achava a uma milha de distancia. Descrever a afflicção que se divisava no rosto de todos os que iam no vapor, pela incerteza se chegariam ou não a tempo de o poderem salvar e ao seu companheiro, o já conhecido e igualmente destemido Capitão Castanet, é tarefa impossivel — concebe-se, mas a penna não pôde descrevel-a, tal é o entorpecimento que se apodera de nós, só em lembrarmos-nos d'aquelle horrivel transe.

A descida nos ultimos quatrocentos metros foi precipitadissima, motivada pela influencia exercida no gaz do balão, pelo arrefecimento rapido da atmosfera depois do pôr do sol, e pela falta de lastro para aliviar o balão e suavisar a queda.

Quando a cem metros o capitão preveniu o seu companheiro que se agarrasse bem, acrescentando — vamos á agua — apenas teve tempo de pronunciar estas palavras e já se achavam submersos até á cintura. Pois, segundo affirmou o capitão, a coragem de Luiz Vianna, alli no meio do oceano, vendo a morte diante de si, encontrou-se inalteravel como á sahida, quando era animado e aclamado pelos *hurrahs* da multidão compacta que pejava a grande avenida do Palacio de Crystal.

Felizmente o vapor pôde ainda chegar a tempo de recolher os aeronautas, que passado pouco tempo eram conduzidos em trem para a cidade e acompanhados por milhares de pessoas a pé, a cavallo e em carruagens, que os saudaram todo o caminho até ao café Suisso, onde lhes foi servido um jantar por alguns amigos.

Não concluiremos, sem igualmente fallarmos da ascensão que em um balão Mongolfier, realisou em Lisboa, o bombeiro voluntario d'aquella cidade, Augusto Cesar d'Oliveira.

Conhecemol-o tambem de perto e sabemos que como o nosso conterraneo dispõe de uma coragem destemida. As condições do balão não lhe permitiam

que subisse a mais de quinhentos metros, mas foi tal o seu denodo, que deixou igualmente assombrados, os muitos amigos que foram presenciar esta ascensão que se realizou particularmente em uma quinta do Campo Grande.

Agora um conselho a esses corajosos mancebos e é um conselho de amigo sincero e dedicado, que os estima e aprecia como merecem — não se deixem embalar pelas agradáveis impressões d'esta gloria passageira, que nada traz de util comsigo e applicuem a sua actividade e sangue frio em commettimentos de mais proveitoso alcance, pois não lhes faltará occasião de o fazer na espinhosa carreira, que com tanta honra proseguem.

No entretanto, nós que somos bombeiros primeiro que tudo e que temos n'isso grande ufanía, não podemos deixar de nos orgulharmos, por ver que este commettimento, como tantos outros que tem sido a admiração e o assombro do paiz inteiro, partiu d'essa benemerita phalange, protectora da humanidade, e é com a mais viva satisfação que registramos mais estes dois factos verdadeiramente memoraveis e dignos de admiração.

É caso para se dizer — são da pelle do diabo e pau para toda a colher.

G.

PROTECCÃO CONTRA FOGO NOS THEATROS

Entre nós continuam com pequenas e quasi insensíveis modificações as medidas preventivas ou *protectoras* no caso de incendio nos theatros. Em Lisboa alguma coisa se tem feito, mas de facto tão insignificante, que pouco se avanta ao Porto e nada condiz com os outros ramos de serviço.

Não acontece, porém, o mesmo em outros paizes, onde principalmente depois d'essas grandes catastrophes que nos actuaes tempos nos horrorisaram com as muitas victimas e prejuizos materiaes que causaram, se tem procurado precaver contra todas as eventualidades e garantir o melhor possivel a vida dos espectadores.

E na verdade é justissimo que assim procedam, porque a vida humana merece que tenham por ella mais alguma consideração e que no espirito dos empresarios deixe de haver menos a ambição de ganancia, para dar logar ao sentimento de amor pelo proximo.

Com franqueza o dizemos, horrorisa-nos a ideia de que em um dos nossos theatros possa haver incendio em noites de enchente.

Sem condições algumas de segurança e protecção e sem os meios indispensaveis d'ataque, a catastrophe será medonha e portanto severa demais a lição.

É' perfeitamente ridicula e inutil a posição do piquete, porque nem sabe o que deverá fazer, nem pôde dispor dos meios precisos para poder ser de utilidade em caso de sinistro grave.

Se o unico fim é retribuil-o com uns tantos réis, n'esse caso perfeitamente de accordo que continue a ir para o theatro, porque todos os proventos que possam proporcionar aos bombeiros são poucos em compensação do arduo serviço que prestam, mas se o fim é destinal-o á protecção e defeza dos espectadores e do

edificio, então, n'esse caso, melhor será supprimit-o porque não descobrimos onde esteja a sua efficacia, sem poder dispôr dos meios precisos.

A proposito da protecção contra fogo nos theatros tem sido muitas as invenções e melhoramentos que lá fôra se tem experimentado e continuam merecendo a attenção dos homens de sciencia e de profissão.

As rêdes metallicas para isolar o corpo do theatro do palco scenico, onde geralmente os incendios se originam são de reconhecidissima vantagem para impedir que as chammas e fumo invadam as plateias e camarotes antes que os espectadores possam sahir.

Depois do incendio do theatro nacional de Berlim, que deu logar a vigorosa polemica, reconheceu-se a suprema vantagem d'estas rêdes, como consta da resposta á consulta feita á Academia da construcção e da demonstração feita por *won Witte* commandante dos bombeiros na qual prova que a rêde metallica impedira por muito tempo a passagem das chammas para o theatro, que era de madeira, ao passo que os ventiladores da scena davam egresso ao fumo e ao gaz para o exterior, por forma tal que a plateia não chegou a ser invadida.

Como se sabe, o fogo foi descoberto meia hora depois que rebentou e á chegada dos bombeiros já todo o palco estava envolvido em chammas. Da sala d'espectaculo apenas foram chamuscadas as portas dos camarotes de primeira ordem e os paineis lateraes, e sem o menor estrago, tanto as columnatas das galerias como o tecto.

A rêde metallica só cabiu muito tarde, quando lhe faltou o apoio por causa da acção violenta do fogo. A sala de pintura e guarda-roupa foram salvos por causa das portas incombustiveis que as separavam da scena.

As chammas só poderam penetrar na plateia pelo soalho, porque pela porta superior foram impedidas pela rede metallica.

A razão de se não ter circumscripto o incendio unicamente ao palco, foi o ter sido descoberto muito tarde e porque os dois tectos não eram separados por um muro bastante elevado.

Claro é que a rede metallica nunca poderá offerrecer tanta resistencia ao fogo como uma parede, mas o verdadeiro fim a que deve ser destinada é muito outra, segundo a opinião da Academia e de *won Witte* — serve para impedir que o publico possa ver as chammas, pois que d'aqui provém geralmente o panico que se observa n'essas calamidades.

Além d'isso, a rede impede a passagem do fumo para a plateia, pelo menos o tempo sufficiente para que os espectadores possam sahir.

No theatro de Berlim, apesar do systema de suspensão da rede metallica ser defeituoso, se o incendio fosse descoberto a tempo, teria sido poupada a sala de espectaculo e não obstante as más condições das portas de sahida, os espectadores ter-se-hiam tambem salvado.

Uma das melhores redes metallicas de que temos conhecimento, é a que foi inventada pelos engenheiros Moleschatt e Spinelli para o theatro Argentino de Roma e que custou 25:000 francos.

São precisos sete minutos para a elevar, e apenas alguns segundos para a fazer descer. Durante a descida faz tocar duas sinetas continuamente. Do camarote da administração do theatro tambem se pôde fazer abaixar a rede, por meio da pressão em um pequeno botão.

Antes de principiar o espectáculo a rede metálica deverá estar abaixada e só subirá quando a orquestra começar a tocar, e será immediatamente abaixada logo que termine o espectáculo.

Ainda não

Por mais d'uma vez temos appellado para os poderes publicos, convidando-os a galardoar esses beneméritos que por muitas vezes tem arriscado a sua vida para salvar os seus conterraneos, em harmonia com a recommendação que d'elles fez ao governo, o illustre presidente da camara.

As nossas supplicas tem sido desattendidas, sem razão plausiveis que justifique similhante desleixo, mas quando por ventura as nossas razões não merecessem a consideração que esperavamos, deviam tella merecido a recommendação do representante d'esta cidade.

Não podemos comprehender o procedimento do governo n'esta parte, tanto mais censuravel, quanto é certo que elle não trepida em conceder titulos e veneras a qualquer *parvenu* endinheirado, embora carente d'aquellas acções que nobilitam o homem e lhes dão jus ao reconhecimento publico, comtanto que seja recommendado por um galopim eleitoral ou por um d'esses corretores que formigam por toda a parte, especialmente em torno dos ministerios e que desgraçadamente são affagados como suppostos homens de bem e de importancia.

O bombeiro portuense, posto que sempre prestes a arriscar a vida e o futuro dos seus, pelo bom estar dos conterraneos, esse então apenas merece dos poderes publicos o desprezo e a indifferença!

Bella e esplendida remuneração, na verdade, para tão nobre classe e que tanto labuta em prol da humanidade!

Estamos quasi convencidos que prégamos no deserto e que colheremos sempre resultado identico ao obtido até hoje: no emtanto fiquem certos que não largaremos mão do assumpto emquanto nos não desenganarmos completamente de que nas altas regiões ha só desprezo para esta briosa classe e para o representante do municipio do Porto.

Festa Olympica

Acha-se em Lisboa, o digno commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, onde foi cumprir duas missões de que fora encarregado pela associação. Uma d'ellas dolorosissima, para quem, como aquella corporação, estima a familia real, que agora veste de luto pela morte de D. Maria Anna, irmã d'El-Rei — a transmissão dos pezames da corporação pelo passamento d'aquella augusta princeza, missão de que aquelle cavalheiro se desempenhou, logo que chegou á capital.

A outra missão era convidar o Real Gymnasio Club

a vir ao Porto fechar com chave d'ouro os espectáculos no circo olympico do Palacio de Crystal, pois que como todos sabem, vae ser destinado a uma exposição permanente.

Temos a satisfação de annunciar aos nossos leitores, que os dignos associados d'aquelle gremio gymnastico annuiram da melhor vontade e portanto terá o Porto occasião de admirar a destreza e pericia d'aquelles exímios atletas, que por mais de uma vez tem maravilhado o publico de Lisboa com os seus esplendidos saraus olympicos.

O producto d'esta festa reverterá a favor do cofre da Real Associação Humanitaria dos «Bombeiros Voluntarios do Porto» applicação utilissima e que terá, por certo a boa acceitação do publico, como sempre tem acontecido.

José Martins, o sympathico commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães e distincto cavalleiro, o prime ro de Portugal, diga-se sem reboço, tambem toma parte, apresentando magnificos cavallos por elle amestrados.

Alfredo Anjos, tambem distincto amator da capital, apresenta dois cavallos, trabalhando á *tandem*, trabalho que aqui nos apresentou ultimamente a companhia Diaz.

O Real Gymnasio Club será coadjuvado por alguns amadores da corporação dos bombeiros voluntarios d'aqui.

Sabemos que alguns dos trabalhos constarão do seguinte:

Duplo trapezio, torniquete, equilibrios no trapezios, duplas barras parallelas, argolas, forças, triples barras horisontaes, vôos, volteio, etc..

Afim de receberem condignamente tão distinctos hospedes, vae ser nomeada uma commissão especial, que será encarregada da ornamentação do circo, de um banquete e de outras distincções com que se pretende obsequial-os.

Será uma festa brilhante, como não pôde deixar de ser, com os elementos de que será constituída.

Os nossos parabens ao Porto e aos nossos bombeiros voluntarios, por mais uma vez nos proporcionarem um passatempo tão agradável como distincto.

Incendios em chaminés

No codigo municipal d'esta cidade encontra-se uma disposição, pela qual é applicada uma multa de 3\$000 reis ao morador do predio, onde se manifestar incendio em chaminés, obrigando-o portanto a proceder periodicamente á precisa limpensa da fuligem, para evitar este castigo.

A letra e espirito d'esta disposição municipal é tão clara e terminante que na verdade maravilha a negligencia que se observa no seu cumprimento.

Por mais d'uma vez temos chamado a attenção dos funcionarios a quem a execução d'esta postura está commettida, para que a façam cumprir no sentido rigoroso da palavra.

Desgraçadamente a medida, comquanto de palpitante necessidade tem sido posta de parte, sem que se possa encontrar razão que isso justifique. Bem sa-

bemos que os agentes de policia não podem andar pelas casas, examinando as chaminés, para verem se ellas estão ou não ao abrigo de qualquer sinistro; mas também não ignoramos que, quando por ventura elle se dê, a auctoridade deve ser inflexivel na applicação da pena comminada na lei.

Alarmar uma cidade inteira com o toque de rebate, obrigar os bombeiros a largar os misteres da sua vida, compellil-os a marchar debaixo de temporal para acudir a taes sinistros, unica e exclusivamente devidos á negligencia do inquilino do predio, não pode encontrar aos olhos da razão e da humanidade justificação alguma para que se deixe impune o infractor.

Pedimos pois que sejam rigorosos na applicação da lei, afim de evitar estes graves incommodos e alarmes publicos quando se queira ter em pouca conta a espinhosa missão do bombeiro.

Multados que sejam dous ou tres dos infractores, esta classe de sinistros decrescerá, porque geralmente quem vê as barbas do visinho a arder, tracta logo de acautelar as suas, e manda proceder á devida limpeza para não incorrer no castigo, que na verdade não tem nada de convidativo.

Nada menos do que 35000 réis!

Não os podem, nem devem perder, os que são tão escrupulosos em multar as desgraçadas vendilhonas de canastra á cabeça e o pobre cidadão de Tuy, que commette o *horroroso crime* de se assentar na borda dos passeios para descançar por alguns momentos das suas fadigas!

ASSOCIAÇÃO E SERVIÇO VOLUNTARIO DE AMBULANCIAS

Como adhesão ás ideias apresentadas no nosso artigo no penultimo numero, intitulado «Falsos Bombeiros», recebemos a seguinte carta e lista de nomes, cuja deferencia agradecemos:

Sr. redactor

Tenho a honra de incluso enviar a nota dos socios actualmente em serviço, afim de v. a publicar, para evitar que os falsos voluntarios se apresentem, gosando de um titulo que lhes não pertence. Louvo a ideia de v. e confôrme for o movimento assim lh'o participarei, visto as columnas do seu jornal nos serem offerecidas.

Lisboa, 29 de janeiro de 1884.

De v., etc.

Leonel B. d'Assumpção,
Inspector da Companhia.

Voluntarios em serviço na Companhia Voluntaria de Saude

Dr. Joaquim Salgueiro d'Almeida.
Dr. João Xavier da Fonseca Junior.
Dr. José da Cunha Castello Branco Saraiva.
Dr. Antonio Lopes dos Santos Valente.

Pedro Carlos Costa.
Leonel Barros d'Assumpção.
Augusto Pimenta Rodrigues.
Alfredo Dias.
Domingos d'Oliveira Gaio.
Custodio José Gonçalves.
Joaquim Simões Serra.
Francisco Simões Carneiro.
Verissimo Gomes Ferreira Lobo.
João Carlos Cysneiros d'Ornellas.
José Maria Rego.
João Manoel Antonio Guerreiro.
Alberto Pinto Bastos de Carvalho.
Francisco Eugenio dos Reis.
Joaquim Damião da Cruz.
José Ribeiro Carvalho.
Guilherme Augusto Cordeiro Lima.

D'esta corporação recebemos também um mappa estatístico dos serviços prestados, o qual publicaremos no proximo numero.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS BELENENSES

Na reunião da assembleia geral da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios Belenenses que se realisou no dia 10 do corrente, foram approvados o relatorio, balanço, parecer do conselho fiscal e as propostas d'este, para que se lançasse na acta votos de agradecimento á direcção pelo seu zelo e actividade, á imprensa periodica pela publicação gratuita de tudo quanto lhe foi enviado durante o anno, aos socios que coadjuvaram a direcção e a acompanharam nos actos externos, á companhia Carris de Ferro de Lisboa, por serviços prestados á associação, e um voto de sentimento pela morte do socio Eduardo da Conceição e Silva.

Ne eleição dos novos corpos gerentes, ficaram eleitos: presidente da assembléa geral, Augusto José da Costa Oliveira; 1.º secretario, Antonio Joaquim Alves; 2.º secretario, Julio Carneiro; presidente da direcção, Julio Silva; thesoureiro, José Bernardino d'Amorim Barbosa; secretario, Antonio Elvenick Gomes membros do conselho fiscal; Augusto Nicolau da Silva, João Caetano Pereira de Carvalho e Julio Gonçalves.

SERVIÇO DE INCENDIOS EM LISBOA

O sr. inspector geral dos incendios em Lisboa apresentou um relatorio ácerca da gerencia da corporação de bombeiros municipaes, durante o anno passado.

Por elle se vê que as bombas e os carros correm 1:612 vezes pelas ruas da cidade, occupando a equivalencia de 12:939 homens. A distancia total percorrida pelas machinas e carros é orçada em 1:128 kilometros, 225 leguas, e pelos bombeiros em muito

mais, porque estes fizeram 8:924 corridas, e a maiores distancias.

O total dos incendios foi 205, sendo 16 grandes, 50 medios, 189 pequenos, 84 de dia, 121 de noute.

Houve 69 rebates falsos, 42 ferimentos no pessoal, 12 em particulares, nenhuma morte, 23 pessoas em perigo, 16 salvamentos, sendo 1 por particular (um menor que lançou fogo ao fato e ao qual a mãe acudiu).

O pessoal da corporação é de 690 homens, com cada um dos quaes se fez a despeza média de 19\$220 réis, ou seja um total de 13 contos 260 e tantos mil réis, com salidas, premios e gratificações. Acrescentando 11 contos e tanto com ordenados certos, sóbe a despeza a 24 contos e tanto, ou 97 réis por dia a cada homem.

Varias noticias

No mez findo houve em Lisboa treze incendios, dando as torres signal apenas só para um. As companhias de seguros que soffreram maior prejuizo n'estes sinistros foram a *Fidelidade* e a *Bonança*.

— Vae a Setabal o bombeiro municipal n.º 55, Antonio Ignacio, como instructor, para uma corporação de bombeiros voluntarios que alli se está organisando.

— Deve reunir no dia 17 do corrente a assembléa geral da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios Egytanienses para dar cumprimento ao que dispõem os artigos 22 e 23 do respectivo estatuto.

— Em Braga vae organizar-se uma companhia de bombeiros auxiliares.

No estrangeiro

Ardeu a ponte sobre o Guadalquivir, cerca de Alcorisa, Ternel.

— Declarou-se um violento incendio em Moscow. Seis armazens arderam completamente. As perdas materiaes são enormes.

— Durante um incendio que acaba de destruir uma fabrica em Allenstown (Pensylvania) os muros do edificio abateram sepaltando 5 bombeiros e ferindo gravemente 11.

Chronica quinzenal

Um successo anormal, um attentado contra os costumes, occupou por alguns dias a attenção do povo d'esta cidade.

Fizeram-se largos commentarios, fallou-se muito em moral ultrajada, pediram-se justos e necessarios

castigos, a opinião manifestou-se, o culpado foi encarcerado, a justiça procurou fazer o seu dever e... o caso lá vae.

Tudo isto assim é. Não houve bilis irritada que se não vomitasse sobre o desvairado que é mais victima d'um organismo defeituoso do que um perverso. Não seremos nós que á longa cauda de epithetos affrontosos juntemos mais 'algum, nem que queiramos fazer reviver um caso que nos merece mais commiseração que odio, mais compaixão que rigor.

Não queremos com isto desculpar o que prevarecou. Não. O que queremos é ser generosos não indo com iras serodias agravar o que cahiu.

* * *

Está entre nós o actor Rossi exhibindo ante um publico numeroso que enche o theatro Baquet o seu portentoso talento. Vemos passar attontitos, o desditoso Conrado, o sanguinario e covarde Luiz XI, o sombrio Hamlet, o feroz e amavel Othello, os grandes vultos de Skaspeare, e a cada personagem em que se incarna o eminente actor a nossa admiração cresce. Debalde procuramos um epitheto sonoro, novo, para celebrarmos o talento genial do homem que veio fazer descobrir os criticos que nós cá tinhamos e que se tem revelado em longos e estirados *originaes* artigos. O theatro de Skaspeare, tem sido criticado, discutido estudado, com um afflaco, com um amor, que assombra. Tudo se tem chamado a Rossi e nós não tendo que diser-lhe pelos outros terem dicto tudo, diremos simplesmente que Rossi é o melhor actor que conhecemos sem que isto signifique que conhecemos pouco, pois o que não succede de certo a alguns dos criticos, nós temos admirado todos os grandes vultos scenicos que ha quinze annos a esta parte nos tem visitado.

* * *

No theatro Principe Real, subiu hontem á scena em beneficio da actriz Josepha d'Oliveira a afamada opereta d'Andran o festejado auctor da *Mascotte*, *A Gillette de Narbonna*, poema dos espirituosos Chivot e Duru de cuja traducção se encarregaram os nossos amigos Augusto Garraio e Borges d'Avellar que lhe conservaram toda a graça, todo o espirito e toda a malicia requisitos indispensaveis no genero.

A Gillette de Narbonna destinada a ter o mesmo successo que a sua antecessora *A Princeza das Canarias*, recommenda-se pela deliciosa musica que a exorna se bem que menos insinuante para o ouvido do publico que se retira mais satisfeito do theatro quando vae trauteando o *couplet* que mais lhe agradou. Não quer isto dizer que a musica é difficil de fixar no ouvido. Poderá succeder na primeira audição mas quanto mais se ouve, mais se lhe conhece a graciosidade, mais se grava na memoria.

Cabem as honras do desempenho a Josepha d'Oliveira, que está já bem longe de ser a atriz vacillante que nós conheciamos. Dizendo e pisando bem, sublinhando a phrase com consciente intenção, Josepha d'Oliveira é hoje incontestavelmente uma das primeiras atrizes da opera comica logar que distinctamente occupa pela sua dedicada applicação. Os notaveis progressos que se accentuam em Josepha d'Oliveira são mais uma evidente prova da competencia do seu habilissimo mestre Augusto Garraio que apresenta na *Gillette de Narbonna* uma *mise en-scène* que lhe ganhariam os foros de dis-

tineto ensaiador se de ha muito os não tivesse adquirido.

Thomasia Velloso, apresenta-nos um gracioso *travesti* a que a sua gentileza dá notavel realce. Wamimel, Dias e Aurelia dos Santos principaes interpretes da *Gillette de Narbonna* dizem com muito acerto os seus papeis e contribuem efficazmente para o exito que a peça obteve.

Na parte cantante houveram-se todos discretamente. Nem outra cousa se podia suppor do distincto *maestro* José Candido cujo provado talento e competencia não carecia de mais esta affirmação.

A *Gillette de Narbonna* está mais que ricamente vestida, está magnificamente vestida. A seda, o setim, o velludo e o brocado foram largamente distribuidos e o intelligente *costumier* José Pinto dos Santos com notavel bom gosto, cortou de tal modo tudo aquillo, que olhos não se fartam de se recrear no bem combinado das côres, na graciosidade dos vestidos. Não julgamos que no estrangeiro haja mais magnificos *mise-en-scene* do que os que estamos costumados a vêr no palco do Principe Real.

Lanbertini, um notavel pintor, decorou com delicado gosto as scenas. A do terceiro acto que representa uma sala nobre d'um castello senhorial faz o nome a um artista.

A *Gillette de Narbonna* está destinada a uma longa vida. Ao bem urdido do entrecho, vivo, malicioso e que prende e interessa o espectador, junta-se a belleza da musica, a correcção do desempenho tanto na parte dramatica como na parte musical e o esplendor e riqueza com que foi posta em scena.

Como acima dizemos a *première* da *Gillette de Narbonna* foi em beneficio da Josepha d'Oliveira. O publico applaudindo-a calorosamente premiou os seus muitos meritos e a irreprehensivel interpretação que deu ao seu delicado papel e mostrou o seu agrado pela famosa opereta, que se repetirá successivamente por estes quatro ou cinco dias.

* * *

O bom e amado Domingos d'Almeida, de affabilidade tão captivante e inextinguivel como a sua perpetua mocidade que o tempo não branqueia nem enrugam com pé de galinha visível, estima muito que os seus amigos se mostrem taes, ao menos uma vez cada anno, e espera que lh'o provem amanhã em que faz representar em seu beneficio no Principe Real a «*Gillette de Narbonna*».

* * *

Tivemos a satisfação de assistir no dia 11 do corrente ao sarau gymnastico e de esgrima que o distincto professor Paulo Lauret consagrou á imprensa e que se effectuou no Salão da Porta do Sol.

Todos os exercicios que ali se apresentaram foram correctamente feitos e alguns até com distincção merecendo ao numeroso e selecto concurso de pessoas que enchia o recinto calorosas manifestações de agrado que todas se iam reflectir no abalisado professor que pela tenacidade com que procura introduzir entre nós um estado tão necessario a uma completa educação, é verdadeiramente um benemerito da instrucção.

* * *

Vae discorrendo o carnaval que até agora nada tem apresentado a não ser os costumados principes, *pierrots*, etc., tudo tresandando ao *farum* d'um guarda roupa sujo e ennodado de vinho.

Os bailes na Euterpe tem tido relativamente concurrencia, mas sempre o mesmo espirito, sempre as mesmas mascaras, umas peccadoras de baixa estofa esfaimadas e sequiosas, penduradas do braço d'uns *cavalheiros* pouco propensos a converter em realidades os sonhos das suas *damas*, um meio bife e meia garrafa de vinho.

O theatro de S. João porém parece querer rever os aureos rempos carnavalescos e a empresa que explora aquelle theatro prepara ali esplendidos bailes depois das representações do *Shilok*, *Donna Romantica* e *Sullivand* que nas noites do carnaval ahí dará a companhia do tragico Rossi.

Affigura-se-nos que taes bailes nada deixarão a de-sejar não só pelo lusimento com que a empresa os apresenta mas tambem pela concurrencia selecta e distincta que deverão ter, pois que a assignatura aberta para quatro espectaculos, declamação e baile está completamente prebenhida quanto a camotes.

Até lá pois.

J. C.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

| | |
|---------------------|----------|
| Trimestre | 300 réis |
| Semestre | 600 » |
| Anno | 1\$200 » |

(Estrangeiro)

| | |
|-------------------------|----------|
| Trimestre | 500 réis |
| Semestre | 1\$000 » |
| Anno | 2\$000 » |
| Numero avulso | 50 » |

ANNUNCIOS

TYPOGRAPHIA

DE

ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO

Largo de S. Domingos, 74

Esta typographia acaba de ser consideravelmente augmentada com uma grande variedade de tipos communs e de phantasia, das melhores fundições estrangeiras.



ras, bem como uma machina Minerva, executando com nitidez e promptidão todos os trabalhos concernentes á arte typographica.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B. MARKERT & C.^a—LISBOA



FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIÓS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.